



PERSEU E MEDUSA



Jaz, fixando o céu noturno, suspira sobre o enevoadado cume de um monte; embaixo, há um tremular de terras distantes. O seu horror e a sua beleza são divinos. Sobre seus lábios e suas pálpebras ousa a formosura como uma sombra: irradiam dela, ardentes e embaciadas as agonias da angústia e da morte que, embaixo, se debatem.

Não é tanto o horror, mas a graça a empedrar o espírito do observador, sobre quem se cinzelam os lineamentos daquela face morta, até que os seus caracteres penetram-lhe, e o pensamento se turva; é a melodiosa tinta da beleza, sobreposta às trevas e ao esplendor da punição que torna humana e harmoniosa a impressão. E de sua cabeça, como se fosse de um só corpo, surgem, tal qual ervas de uma rocha úmida, cabelos que são víboras e se contorcem e se estendem, e entrecruzam os seus nós, e em infinitos rodeios mostram o seu esplendor metálico, quase escarnecendo da tortura e da morte interior, e cortam o ar com suas mandíbulas rachadas.

E de uma pedra ao lado, um venenoso sardão se demora a espiar aqueles olhos gorgôneos, enquanto no ar, atônito, um horrendo morcego é adejado fora da fumaça onde aquela amedrontadora luz surpreendeu-o e se precipita como uma traça à luz; e o céu noturno relampeja de uma luz mais amedrontadora que a escuridão.

É o tempestuoso encanto do terror: das serpentes lampejam uma cúprica fulgência acesa nesses inextricáveis rodeios e cria em torno um vibrante halo, espelho móvel de toda a beldade e de todo o terror daquela cabeça: um vulto de mulher com crina vipérea, que na morte contempla o céu das tochas úmidas. É o tempestuoso encanto do terror...

Percy Bysshe Shelley (1792 a 1822)

MEDUSA



Medusa era uma belíssima ninfa, e por causa de seus belos cabelos ela tinha muitos pretendentes. Até Zeus se apaixonou por ela. Disfarçado de pássaro, ele a levou ao Templo de Atena (Minerva). Medusa, arrogante e soberba, ousou dizer que a sua beleza era maior do que a da própria Atena. Esta, ofendida, transformou seus belos cabelos em serpentes e seu olhar em energia petrificante. A Medusa é um monstro ou “tornaram-na um monstro” por desafiar a deusa da Sabedoria. É digno de nota que Atena nasceu da cabeça de Zeus, é uma deusa de muitos atributos: a ela foi conferido o bom senso, a justiça, a filosofia; é uma deusa justa e também protetora.

“Górgona” traduzindo, significa “terrível, apavorante”. "Medusa" quer dizer "sabedoria soberana feminina". Em sânscrito é Medha, em grego Metis, em egípcio Met ou Maat. Medusa era originalmente um aspecto da deusa Atenas da Líbia, onde ela era a Deusa-Serpente das amazonas Líbias. Em suas imagens, seus cabelos às vezes parecem cachos, indicando sua origem africana. Lá ela tinha uma face encoberta, perigosa. Está inscrito que ninguém seria capaz de levantar seu véu, e que quem olhasse para sua face enxergaria sua própria morte, enquanto ela via seu futuro. Diz-se que a Deusa Medusa representa a sabedoria soberana feminina, todas as forças da Grande Deusa primordial: Os Ciclos do Tempo como passado, presente e futuro. Os Ciclos da Natureza como vida, morte e renascimento. Ela é a Criatividade e Destruição universais em eterna Transformação. Ela é a Guardiã dos Limiares e a Mediadora entre os reinos do céu, da terra e do mundo subterrâneo. Ela é a Senhora das Bestas. Energias Latente e Ativa. Ela destrói para recriar o equilíbrio. Ela purifica e é a verdade última da realidade, a complitude além da dualidade. Ela rasga as ilusões mortais. Sabedoria proibida mas libertadora. As forças indomáveis da natureza.

Como uma mulher jovem e bonita ela é a fertilidade e a vida. Como uma velha encarquilhada ela consome tudo, devorando o que há sobre o plano terrestre. Através da morte devemos retornar à fonte, ao abismo da transformação, o reino do eterno. Devemos ceder frente a ela e seus termos de mortalidade. A Medusa encarnaria o principal impulso humano, espiritual e evolutivo, que, pervertido em estagnação, impede a justa harmonia dos desejos. Quem olha a Medusa se petrifica, por ser ela o reflexo da imagem da culpa do espectador, o reconhecimento íntimo da falta.

PERSEU



De acordo com o estudioso alexandrino Apolodoro, Perseu, o lendário fundador de Micenas, nunca teria nascido se seu avô tivesse conseguido seu intento. Acrísio, rei de Argos, era pai de uma linda filha, Dânae, mas estava desapontado por não ter um filho. Quando consultou o oráculo sobre a ausência de um herdeiro homem, recebeu a informação que não geraria um filho, mas com o passar do tempo teria um neto, cujo destino era matar o avô. Acrísio tomou medidas extremas para fugir deste destino. Trancou Dânae no topo de uma torre de bronze, que lá permaneceu numa total reclusão até o dia em que foi visitada por Zeus na forma de uma chuva de ouro; assim deu à luz a Perseu.

Acrísio ficou furioso, mas ainda achava que seu destino poderia ser evitado. Fez seu carpinteiro construir uma grande arca, dentro da qual Dânae foi forçada a entrar com seu bebê, sendo levados para o mar. Conseguiram sobreviver às ondas, e após uma cansativa jornada a arca foi jogada nas praias de Sérifo, uma das ilhas das Ciclades. Dânae e Perseu foram encontrados e cuidados por um honesto pescador, Dictis, irmão do rei de Sérifo, Polidectes.

Com o passar do tempo, Polidectes apaixonou-se por Dânae, mas enquanto crescia Perseu protegeu ciumentamente sua mãe dos indesejados avanços do rei. Um dia, durante um banquete, Polidectes perguntou a seus convidados que presente cada um estava preparado a oferecer-lhe. Todos os outros prometeram cavalos, mas Perseu ofereceu-se para trazer-lhe a cabeça da górgona Medusa. Quando Polidectes aceitou, Perseu foi forçado a honrar sua oferta.

As górgonas eram em número de três, monstruosas criaturas aladas com cabelos de serpentes; duas eram imortais mas a terceira, Medusa, era mortal e assim potencialmente vulnerável; a dificuldade era que qualquer um que a olhasse se transformaria em pedra. Felizmente, Hermes veio em sua ajuda, e indicou a Perseu o caminho das Gréias, três velhas irmãs que compartilhavam um olho e um dente entre si. Instruído por Hermes, Perseu conseguiu se apoderar do olho e do dente, recusando-se a devolvê-los até que as Gréias mostrassem o caminho até as Ninfas, que lhe forneceriam os equipamentos que necessitava para lidar com Medusa.

As Ninfas prestimosamente forneceram uma capa de escuridão que permitiria a Perseu pegar a Medusa de surpresa, botas aladas para facilitar sua fuga e uma bolsa especial para colocar a cabeça imediatamente após tê-la decapitado. Hermes lhe deu uma faca em forma de foice, e assim Perseu seguiu completamente equipado para encontrar Medusa. Com a ajuda de Atena, que segurou um espelho de bronze no qual podia ver a imagem da górgona refletida, ao invés de olhar diretamente para sua terrível face, conseguiu finalmente decepar-lhe a terrível cabeça. Acomodando a cabeça de modo seguro na sua bolsa, retornou rapidamente a Sérifo, auxiliado por suas botas aladas.

Ao sobrevoar a costa da Etiópia, Perseu viu abaixo uma linda princesa atada numa rocha. Era Andrômeda, cuja fútil mãe Cassiopéia tinha incorrido na ira de Poseidon ao espalhar que era mais bonita do que as filhas do deus do mar. Para puni-la, Poseidon enviou um monstro marinho para devastar o reino; que só poderia ser detido se recebesse como oferenda a filha da rainha, Andrômeda, que foi assim colocada na orla marítima para esperar o terrível destino. Perseu apaixonou-se imediatamente, matou o monstro marinho e libertou a princesa.

Os pais dela, em júbilo, ofereceram Andrômeda como esposa a Perseu, e os dois seguiram na jornada para Sérifo. Perseu deu então a cabeça a Atena, que a fixou como um emblema no centro de seu protetor peitoral. Perseu, Dânae e Andrômeda seguiram então juntos para Argos, onde esperavam se reconciliar com o velho rei Acrísio. Mas quando Acrísio soube desta vinda, fugiu da presença ameaçadora de seu neto, indo para a Tessália, onde, não conhecendo um ao outro, Acrísio e Perseu acabaram se encontrando nos jogos fúnebres do rei de Larissa. Aqui a previsão do oráculo

que Acrísio temia se realizou, pois Perseu atirou um disco, o qual se desviou do curso e atingiu Acrísio enquanto estava entre os espectadores, matando-o instantaneamente.

Finalmente Perseu chegou à ilha de Seriphus, após tantas aventuras. Quando entrou na casa onde morava encontrou-a vazia e correu à praia para procurar o pescador Dictis. Este lhe informou que o seu irmão, não tendo obtido sucesso em convencer Dânae a desposá-lo, obrigou-a a ser sua camareira. Perseu ficou furioso.

Deixou Andrômeda e Dictis na praia e rumou para o castelo do rei. Entrou no palácio por uma das janelas e posou bem em frente ao trono de Polydectes. "Muito bem, Polydectes", disse o herói, "trago comigo o que prometi a você, mesmo havendo arriscado minha vida. Acho porém que você não me acredita, e deseja ver para ter a prova". Enfiou a mão em sua sacola e segurou a cabeça da Medusa. "Os que são meus amigos que fechem os olhos!", gritou. Polydectes não deu ouvidos ao seu aviso e olhou diretamente para a cabeça da Medusa quando esta foi tirada da sacola. Ele e todos os seus cortesãos foram transformados em estátuas.

Perseu decidiu que não seria muito popular voltar a Argos e reivindicar o trono de Acrísio logo após tê-lo morto; assim, ao invés, fez uma troca de reinos com seu primo Megapentes. Megapentes se dirigiu a Argos enquanto Perseu governou Tirinto, onde é considerado como responsável pelas fortificações de Midéia e Micenas. Ele e Andrômeda tiveram uma descendência muito gloriosa. Perseu era o avô de Herácles, que se tornou um dos maiores heróis da antigüidade. Tanto ele quanto sua amada Andrômeda foram levados ao céu por Zeus e transformados em constelações.

O MITO INTERPRETADO



A Medusa, terrível ser mitológico, é considerada pelos gregos uma das divindades primordiais pertencente à geração pré-olímpica. Só depois é tida como vítima da vingança de uma deusa. Uma das três górgonas, é a única mortal. Três irmãs monstruosas que possuíam cabeça com cabelos em forma de serpentes venenosas, presas de javali e asas de ouro. Seu olhar transformava em pedra aqueles que as fitavam. Como suas outras irmãs, Medusa representava as perversões. Euriale simbolizava o instinto sexual pervertido; Éstano, a perversão social; e finalmente a Medusa que, espiritualmente falando, representa o impulso evolutivo - a vontade de crescer e evoluir - estagnado.

Medusa também é o símbolo da mulher rejeitada e, por sua rejeição, tornou-se incapaz de amar e ser amada, odiando os homens, pelo fato de ter deixado de ser mulher bela, para se transformar em monstro, por culpa de um deus e de uma deusa. Seus filhos não são humanos nem deuses. Górgona apavorante e terrível. O mito de Medusa tem várias versões, mas os pontos principais refletem estas características acima.

Assim como Midas, ela não pode facilitar a proximidade: um transformava tudo em ouro em apenas um toque; ela é ainda mais solitária e trágica, não podendo sequer olhar, pois tudo o que olha vira pedra. Medusa tira a vida e todo o movimento com um simples olhar. Também não pode ser vista de frente, não se pode ter idéia de como ela é sem ficar paralisado.

Diz o mito que Medusa fora, outrora, uma belíssima donzela, orgulhosa de sua beleza, principalmente de seus cabelos, e, por isto, resolveu disputar o amor de Zeus com Minerva. Esta, enraivecida, transformou-a em um monstro, com cabelos de serpente. Outra versão diz que Zeus a teria seqüestrado e violado no interior do templo de Minerva, e esta, mesmo sabendo que Zeus a abandonara, não perdoou tal ofensa.

Medusa é morta por Perseu que também foi rejeitado, trancado numa arca, juntamente com sua mãe Danae, e atirado ao mar, de onde foi resgatado por um pescador que os levou ao Rei Polidectes, que o criou. Quando Perseu tornou-se homem, Polidectes enviou-o para a trágica missão de destruir Medusa. Para isto, receberia ajuda dos deuses. Usando sandálias aladas, pôde pairar sobre as terríveis górgonas que dormiam. Usando um escudo mágico de metal polido, refletiu a imagem de Medusa como num espelho, decapitando-a com a espada de Hermes. Do pescoço ensangüentado da Medusa, saíram dois seres que foram gerados da união com Poseidon, deus dos mares: o gigante Crisaor e o cavalo Pégaso. O sangue que escorreu da Medusa foi recolhido por Perseu. Da veia esquerda saía um poderoso veneno; da veia direita, um remédio suficientemente poderoso para ressuscitar os mortos. Paradoxalmente, trazia dentro de si o remédio da vida, mas preferiu utilizar, sempre, o veneno da morte.

Três irmãs, três monstros, a cabeça aureolada de serpentes venenosas, presas de javalis, mãos de bronze e asas de ouro: Medusa, Ésteno e Euriale. São símbolos do inimigo que todo homem precisa combater. As deformações da Psiqué, se devem às forças pervertidas dos três impulsos básicos: sociabilidade, sexualidade, espiritualidade. Quando nos confrontamos com a Medusa em nosso interior, num primeiro momento há um sofrimento imenso devido à dificuldade em perceber a própria imagem. Quem sou eu? A grande pergunta para a qual toda a humanidade busca respostas.

Da morte da Medusa resultará a vida de Pégaso que, unido ao homem, é o Centauro, monstro identificado com os instintos animalescos. Mas também é fonte, como o seu nome simboliza "alado", da imaginação criadora sublimada e sua elevação. Temos em Pégaso dois sentidos: a fonte e as asas. Um dos símbolos da inspiração poética, representa a fecundidade e a criatividade espiritual. Pégaso talvez represente o lado belo da Medusa, o lado que ficou escondido e que não podia ser visto, pois, como vimos, ela representa o impulso espiritual estagnado. Pégaso seria, portanto, a espiritualidade em movimento.

Crisaor (irmão de Pégaso) é apenas um monstro, pai de outros monstros: o Gerião de três cabeças e Équidna. Esta última herda da avó um destino trágico: seu corpo metade mulher, de lindas faces e belos olhos, tem, na outra metade, uma enorme serpente malhada e cruel. É a bela mulher de gênio violento, incapaz de amar. Uma reedição de Medusa que dará continuação à saga ancestral de odiar os homens e gerar monstros. Com uma imagem distorcida, estes "filhos de Medusa" não podem ver-se a si mesmos como realmente são e, por isto, sempre se imaginam bem piores, até mesmo do que poderiam ser.

Monstro que é percebido, mas que se nega a ser visto como realmente é, Medusa não olha, não acaricia, não orienta. Apenas paralisa. Não é por acaso que o sentimento de depressão caracteriza-se pela inércia, a perda e a ausência da vitalidade natural. Como se tivessem sido transformados em pedra pelo seu olhar, os "filhos" de Medusa erram pela vida sem espelhos que possam traduzir sua própria imagem. São monstros cuja criatividade, afogada na pedra de suas almas, precisa

urgentemente ser libertada. Precisam encontrar um espelho que lhes diga quem são ou pelo menos quem não devem ser.

Ver Medusa, entrar em contato direto com o seu olhar, é petrificar-se. Sua pior inimiga, Minerva deusa da inteligência, por sua vez, deixa-lhe como legado o ódio às mulheres. Medusa, como ela é, incapaz de amar, cruel e terrível gorgóna, apavorante. Da morte dela resultará a vida de Pégaso que ganhará os céus, liberto, simbolizando a vitória da inteligência e sua união com a espiritualidade, recuperando a sensibilidade que sempre existiu, naquele que se julgava um verdadeiro monstro.

Pégaso não se transformará no monstro Centauro, identificado com o instinto animalesco e a sexualidade desregrada. Caso opte por incorporar o Centauro, errará pela vida em eterno sofrimento. Pégaso, por outro lado, será a fonte da mais pura elevação, da criatividade, da fidelidade. Não é por acaso que Pégaso simboliza a poesia.

E Perseu é o único herói capaz de salvar a humanidade de virar pedra, que seria o seu destino inexorável ao encarar o olhar da Medusa (o Medo). A dureza e o peso da pedra se contrapõem à leveza e a graça do herói, que para alcançar a cabeça do monstro e poder cortá-la, se vale de sandálias aladas, que assim lhe subtraem o peso. Essa era a ameaça que o monstro Medusa representava: transformar em pedra aquele que a encarava, como se endurecesse e perdesse a vida de aquele que encarasse o que de mais feio havia naquela sociedade. Para além da leveza também há a inteligência de Perseu, que leva consigo um espelho onde o monstro vai se mirar e assim perder a vida se tornando pedra também.

Perseu, filho de Danae, mãe amorosa que segue seu filho no destino que lhes foi dado pelo pai terrível que, por sua vez, ouviu de um mago que seria assassinado pelo neto. Trancados em uma arca e atirados ao mar, são salvos por Poseidon que os encaminha a uma praia tranqüila, onde são recolhidos por um pescador e levados ao rei Polidectis, que o educa amorosamente, assim como a um filho. Perseu é filho de mãe amorosa, que tudo perde para seguir o seu filho; mulher que, mesmo abandonada por um homem, não transforma tal abandono em ódio generalizado à masculinidade. Perseu também: seu abandono pelo avô receoso, e por um pai incapaz de salvá-lo é, no entanto, criado por um pai adotivo amoroso. Perseu e Danae são o oposto de Medusa. Não permitiram que seu sofrimento se transformasse em ódio à humanidade. Foram alcançados e salvos pelo amor humano. Ao contrário de Medusa, da qual ninguém pode se aproximar. Somente Perseu poderia, portanto, destruir Medusa. Ele pode ser visto exatamente como o seu contrário no espelho: ela mulher, ele homem; ela permanentemente ressentida, ele sempre disposto a perdoar; ela sem possibilidade de resgate, ele salvo pelo amor da mãe que o acompanha, pelo cuidado de um deus e pelo amor de um pai-rei. Em suma: Perseu possui tudo o que faltou a Medusa, que precisa ser vista, através de um espelho, para ser destruída e libertar Pégaso.

Medusa precisa ser compreendida além de seu aspecto monstruoso. Depois de morta, serve à Minerva, mesmo que seja como esfinge no seu escudo. Guiado pela inteligência e sabedoria de Minerva, que corrige o seu erro de ter criado um monstro, o olhar de Medusa agora é útil, tem aplicabilidade, destrói o inimigo. Já não mata mais.

Medusa não se interessa muito por seus filhos deuses, ou seja, aqueles com qualidades excepcionais, pois prefere mais os que podem ser semelhantes a ela. Medusa conhece Pégaso, ele está dentro dela mesmo antes mesmo de nascer: Precisa apenas libertar-se para ganhar os céus com suas asas maravilhosas. Ele é a poesia, em sua sensibilidade, é liberdade em sua ousadia de voar e, o pior, é que ele, de alguma forma, representa a inteligência, a mente brilhante que lhe faz lembrar Minerva, sua maior opositora. Medusa tenta seduzi-lo para colocá-lo a seu serviço. Mesmo carente, necessitando do espelho do olhar da mãe, Pégaso resiste, pois sabe que se submeter é a escravidão e

a monstruosidade, é perder a liberdade e a sensibilidade, é não poder mais voar e abdicar, de uma vez por todas, de sua inteligência. É tornar-se um deus a serviço de um monstro, ou seja, monstro também.

Medusa, mais uma vez, sente-se rejeitada, não podendo compreender que esse ser divino por ela gerado não aceite ser completamente seu. Deseja suas qualidades, pois como monstro, há muito esqueceu a sua condição de deusa. Deseja-o a qualquer custo. Por sua vez, Pégaso procura fugir desse corpo monstruoso que o aprisiona, precisa nascer, realizar plenamente suas potencialidades. Mas como fugir daquela que tanto insiste em guardá-lo, a sete chaves, dentro de si mesma? Ora, fundir-se com Medusa é ser monstro e escravo de sua vontade, vontade que nunca é satisfeita, pois parece ser o destino da Medusa a eterna insatisfação e a morte. Fundir-se a ela é perder a individualidade e errar pela vida a fim de cumprir um destino cruel. Pégaso reconhece isto e, naturalmente, foge. Dois caminhos, portanto, podem ser traçados:

Primeiro, Pégaso aceita a sedução e transforma-se no Centauro (monstro semelhante à mãe); passa a ser o filho seduzido, entregue à loucura de sua “mãe-monstro”, tentando sempre satisfazê-la, pois se torna incapaz de aperceber-se de que sua “mãe” entregou-lhe uma tarefa impossível: não por incapacidade dele para realizá-la, mas pela insaciabilidade dela que o impede de cumpri-la.

No outro caminho, Pégaso descobre rapidamente que a mãe não lhe serve de espelho, que ela não pode oferecer-lhe de volta uma imagem para que ele possa construir-se. A percepção de si mesmo toma o lugar da percepção, a percepção toma o lugar do que poderia ter sido o começo de uma troca significativa com o mundo, o começo de um processo em duas direções, em que o auto-enriquecimento se alterna com a descoberta de significado do mundo das coisas vistas. Enlouquecido, sem poder de escolha, dependente da mãe monstruosa, resta a Pégaso a culpa de aceitar a sedução e o destino de passar a vida orbitando ao redor de Medusa, rebelando-se contra a sua tirania de vez em quando, e, na medida em que se rebela, deprime-se. Reconhecer a Medusa é a maior obra que se pode propor a alguém. Desempenhar o papel de Perseu, que reconhece e mata a Medusa, é tarefa para se realizar apenas com a ajuda de deuses, assim como no mito. É preciso encontrar as sandálias aladas, a espada de Hermes e o escudo de Minerva. Simbolicamente, encontrar um Poseidon que os salve, uma Danae que os ame incondicionalmente e alguém que lhes arme como Minerva.

Em nossa cultura não é fácil, pois, reconhecer Medusa em um meio que lhe parece tão favorável, é uma tarefa que implica em culpa e depressão. Os “filhos seduzidos” de Medusa podem ser comparados às massas amorfas, sem pensamentos próprios, sem sentimentos particulares, sem senso de privacidade, sem autonomia. Não fossem a sua infelicidade e atonia, poderiam ser comparados a um feto: preso ao cordão umbilical que o alimenta, participa com a mãe da sua monstruosidade, compartilhando excessivamente de suas idéias. Perversos, maldosos, incapazes de elaborações próprias sobre a realidade que os cercam associam-se a Medusa, Ésteno e Euriale, simbolicamente as perversões sociais, sexuais e espirituais, em outras palavras: as sociopatias e toda espécie de psicopatias. Todos estes fatores levam, naturalmente, ao uso de drogas, alcoolismo e suicídio. Eis Medusa e suas irmãs, entregar-se a uma é abrir guarda para todas. Escolher seguir Medusa é escolher a loucura e a autodestruição. Outros seduzidos, caso não enlouqueçam devido à distorção de sua imagem, desenvolvem o que chamam de “falsa imagem de si próprio”. Incapazes de amar incondicionalmente, adquirem o que se pode chamar de “destino da lua”, ou seja, mesmo que a todos encante, não pode ser de ninguém.

Medusa, o elixir da vida e o veneno da morte. Aceitar ser o “seduzido” é perder-se para sempre de si mesmo. Ser o eleito é ter a possibilidade de perceber de que para estes males existe tratamento e cura. É preciso coragem para enfrentar o processo de reconhecimento de sua existência em nosso

interior, coragem e habilidade para enfrentá-la sem ser destruído por ela, e maturidade para aceitar e sublimar o sofrimento causado por ela. O fundamental é caminhar para a liberdade, é reconhecer-se como Pégaso, abrir as asas e voar.

O Mito de Perseu está relacionado ao arquétipo do herói por diversos autores. O herói é aquele que "nasceu para servir" sendo sempre filho de um(a) deus(a) com um(a) mortal, tendo características específicas desde sua vinda ao mundo. O significado de Perseu sugere várias interpretações, como "o sol nascente" ou "persona", que significa a máscara ou papel social. Em ambos casos, a proximidade com a obscuridade é nítida em Perseu, ou seja existe uma íntima relação do nosso herói com o inconsciente.

Todo herói tem um nascimento complicado. No do Perseu não se sabe exatamente como sua mãe engravidou, por isso sua vinda ao mundo é cercada de magia e mistério. Danae foi expulsa de Argos com Perseu recém nascido. Os dois são lançados ao mar, com isto ocorre a exposição da criança, que é outra característica de todos os heróis. A exposição está ligada à rejeição pelo grupo social. Com esta atitude acontece a "purificação das faltas da comunidade", é como se a criança exposta representasse tudo de mal que existe na comunidade, por isso ela é expulsa. É o "bode expiatório" que é expulso como representação de que tudo de ruim que acontece na família ou na sociedade está sendo expulso com ele. A exposição da criança é vista como um arquétipo da criança divina um símbolo do arquétipo do si mesmo, que é o organizador do processo de desenvolvimento da personalidade. Esta idéia faz parte do inconsciente coletivo. Jesus também foi exposto no seu nascimento. Ele, que por opção carregou todos os pecados do mundo e que é o maior herói que a humanidade Cristã conheceu.

Com a expulsão, Perseu e sua mãe são jogados ao mar, que representa o princípio materno. Eles escapam das águas chegando à ilha de Sérifos. Com isso o herói inicia a sua trajetória, com uma descida ao reino dos mortos, para uma posterior restauração da consciência. Quando Perseu oferece a cabeça da Medusa ao rei de Sérifos, há uma separação da sua mãe e seu grupo de origem. Esta separação é o primeiro passo da trajetória do herói. Para que o herói execute sua tarefa é necessário que este tenha auxílio de forças sobrenaturais "Espíritos Tutelares". Só assim, com seus poderes mágicos, o herói está apto a cumprir sua tarefa. Separado de sua mãe Perseu contará com a ajuda dos deuses Hermes e Atena. Assim Perseu abandona a consciência entrando nas profundezas de seu inconsciente.

O confronto de Perseu e Medusa é o ponto principal do mito, sendo importante comentar seu sentido arquetípico. Medusa, Ártemis e Dioniso são poderes ritualisticamente configurados como mascarados. Neste sentido, a máscara separa a identidade da "alteridade". Este conceito da alteridade é representado na Medusa não como um outro homem, mas o outro do homem, isto é, a morte em vida simbolizando um estado psicótico. Com isto Medusa representa um estado caótico do inconsciente, com inversão e deformidade que desafiam qualquer lógica racional. Isto acontece porque ao decapitar a cabeça "máscara" da Medusa, surge dela o gigante Crisaor e o cavalo alado Pégaso. Quando Perseu decapita Medusa, ele destrói a imagem de sua mãe negativa. Medusa simboliza a mãe que paralisa o filho não possibilitando que ele se desenvolva. Enquanto que Danae simboliza a mãe positiva.

Depois de decapitar a Medusa, o herói volta para Sérifos e no caminho encontra Andrômeda, se apaixona e liberta-a do monstro. Nesta parte do mito Perseu resgata a sua alma indiferenciada do arquétipo da grande mãe. Outro ponto a ser observado é que durante a sua trajetória o herói não teve a presença do pai, já que sua mãe foi fecundada por Zeus. Com isto o herói não teve contato com o arquétipo do pai. No mito, Perseu traz a cabeça de Medusa para Polidectes. Esta parte do mito representa a conscientização de conteúdos que estão no inconsciente. Desta forma Perseu

consegue integração de conteúdos inconscientes. A grande façanha do herói supremo é alcançar o conhecimento dessa unidade na multiplicidade e, em seguida, torná-la conhecida. Esta façanha, ele conseguiu ao decapitar a Medusa, que vivia no seu inconsciente, e trazê-la para a consciência.

O MEDO

Uma das sensações mais típicas, profundas e misteriosas do ser humano é o medo. Seja ele real ou imaginário, pode tomar conta da vida e fazer dela um pesadelo ou uma existência infrutífera. O medo paralisa a vida, como o olhar da Medusa. O que tememos? Em geral, podemos afirmar que o ser humano tem medo de tudo: de si mesmo, dos outros, de perder o que conquistou, de não conquistar o que ainda não possui. Tem medo da escuridão, do desconhecido, das enfermidades, da velhice, da morte, etc. São inumeráveis as coisas e situações que amedrontam o ser humano, nesse ou naquele grau, alguns mais, outros menos, sem contar as fobias específicas de cada um, e que muitas vezes estão escondidas.

Mas o difícil é encontrar a resposta para esta pergunta: **por que temos medo?** Poderia ser por um excesso de zelo em benefício próprio, quando nos consideramos o centro do universo e damos demasiada importância a nós mesmos e a tudo o que somos, fazemos ou temos. De qualquer forma, o medo se liga ao instinto de conservação. Em dose razoável isso bem que poderia ser chamado de prudência, e neste sentido faz parte de uma vida sadia e da auto-preservação. Porém, o que ocorre é que nos deixamos arrastar facilmente por um medo que se torna inquietude, desassossego, ansiedade, aflição e angústia, o que nos faz desistir de muitas coisas, e mesmo fugir dos outros, da própria vida. Podemos perceber quantas oportunidades deixamos escapar por causa do medo. Segundo a definição clássica, medo é um sentimento imaginário, de ameaça, pavor, temor ou receio. Segundo a espiritualidade, medo é ausência de amor. Quando não amamos, sentimos medo. Quando não amamos a vida sentimos medo. Quando não amamos o próximo, sentimos medo. Quando não amamos a Deus sentimos medo, etc, etc.

O medo atua em nossas vidas de diversas maneiras. Quando o perigo é real, o sentimento de preservação da vida, o instinto primitivo, comandado pelas forças libidinais, atua visando nos proteger, e nos dar condições para que nos libertemos das situações mais difíceis. Quando estamos diante do perigo eminente, as forças do Eros, que são as energias da libido, colocam-se à nossa disposição, nos dando certamente uma capacidade de reação, de força e de fuga do perigo, inimagináveis. Portanto, diante de um perigo real, que pode destruir nossas vidas, o ser humano tem uma capacidade incrível de reação e atua em sintonia com o universo, visando sempre a preservação da vida humana.

Infelizmente ou felizmente, os medos que a maioria tem, não são os reais, mas principalmente os imaginários. Vive-se, sofre-se e adoce-se sempre diante dos medos imaginários. Muitos destes medos, senão a maioria deles, estão baseados em crenças, superstições ou modismos sociais, das épocas em que se reencarna. Todo ser humano tem em si, um grande poder auto-destrutivo, que aparece em seus comportamentos, como atitudes de sadismo e masoquismo, pois ao nascer, se começa uma grande batalha entre a vida e a morte, e sabe-se intuitivamente, que a morte sempre irá vencer. Todos os medos, se originariam aí, desta constatação terrível para o ser humano, onde a morte sempre vence a vida. Se examinarmos os fatos, sem qualquer preconceito, veremos que filosoficamente, esta premissa tem verdades absolutas, ao olharmos a vida humana, como uma única oportunidade para cada ser. Mas ao se estabelecer a diversidade de planos e de oportunidades múltiplas de vida, esta afirmação perde muito de sua força e legitimidade. Partindo então deste pensamento, concluímos inicialmente que o medo está intimamente relacionado com a morte.

O que simboliza para cada um a morte? É bem provável que para a maioria, a morte signifique sofrimento. Para entender um pouco mais, vamos pensar naquela explicação, sobre inconsciente coletivo, que diz que nós herdamos dos antepassados, certos traços de personalidade que são passados de geração a geração, em nossa psiquê, ou como componente genético, e formam de certa maneira em qualquer lugar do planeta um pensamento quase que comum, onde atitudes e sentimentos se tornam semelhantes.

Mas precisamos analisar o medo, pelo aspecto social atual. Quase toda a estrutura da sociedade, tem tirado o ser humano do seu eixo, do seu equilíbrio. Pensamentos, filosofias, tendências políticas, ordens sociais, e tantas outras coisas, têm colaborado de maneira intensa, para que estejamos sempre submetidos a valores de controle e submissão e, principalmente, porque ainda não aprendemos a praticar em nós e por nós, duas coisas de real importância: o perdão por nós mesmos e a fé no Ser Divino que tudo provê e em nós mesmos, que somos um pedaço da mesma divindade.

Assim, cheios de culpas, dúvidas e dores, com muito pouca fé, seguimos nossos caminhos, deixando o medo tomar conta de nossas vidas, e também deixando de experimentar coisas de vital importância ao nosso progresso, apenas justificando que é perigoso, ou não conseguimos. Se alguma vez, tivermos coragem de entrar no significado profundo destas palavras: “não consigo”, e ver em sua amplitude, o que elas querem dizer, teremos uma surpresa, pois o único significado para o sentimento que está por trás do “não consigo”, é: “não quero ver, não quero me envolver, não quero pensar sobre este assunto”, ou seja, omissão. O monstro está solto e domina a vida. Devemos descobrir o que sentimos quando dizemos “não consigo” e entender tudo o que estas palavras estão escondendo.

O medo é a negação da divindade em nós e da própria Divindade Universal. Portanto medo é ausência de amor. Quando o medo toma conta de nós, desestruturamos todos os nossos corpos, inclusive nosso corpo de Luz, passamos a atuar num estado de vibração de baixíssima frequência, e criamos uma série de doenças psicológicas que podem em seguida, se tornar doenças espirituais e físicas. O medo não pode estar presente em nenhum sentimento de felicidade. Se existe um real interesse na evolução espiritual, é fundamental que paremos e olhemos cuidadosamente todos nossos medos. Checá-los, enfrentá-los e perceber qual ou quais os motivos, que nos prendem a eles, ou seja, por qual motivo escolhemos nos segurar no medo para vivermos a vida? De quê fugimos, quando elegemos o medo como nosso ídolo?

É a confiança em Deus que faz brotar a paz e a coragem. "Busquem a Deus e vocês terão coragem!" (ver Salmos 56.3, 69.32, 34.4). O único temor que cabe no coração do cristão é o temor de Deus, que não é feito de medo, mas de respeito, admiração e confiança. Como cristãos, somos desafiados constantemente, em nosso cotidiano, a enfrentar e superar nossos medos. E nós os venceremos quando deixarmos de concentrar nossa atenção em nós mesmos e nos abriremos a uma confiança que vai além de nós e nos contém. A uma energia maior que é a base do nosso ser, "em quem vivemos, nos movemos e existimos" como diria São Paulo. Deus é essa realidade, esse alguém e essa energia, a base do nosso ser. Na medida em que sairmos de nós mesmos e confiarmos em Deus, "Daremos o salto da fé", nas palavras de Sören Kierkegaard (filósofo cristão dinamarquês do século XIX). Em lugar do medo seremos invadidos pela paz imensa de quem sabe em quem confia e acredita.

De acordo com a Mitologia, de uma forma geral, o Medo se alimenta de medo. Em algumas culturas era representado como um monstro ou criatura terrível que cresce ao se nutrir com o medo de suas vítimas paralisadas, petrificadas. Exércitos inteiros e heróis ousados foram devastados ou derrotados por essa terrível criatura. Com isso aprendemos que uma abordagem ou uma exposição direta aos nossos medos não é sábia e nos petrifica. É comum encontrarmos imagens esculpidas ou pinturas, onde um grupo de soldados se aproxima do demônio do medo, de costas, utilizando as

imagens do referido monstro refletidas em seus escudos com fins de orientação e localização, para então se aproximarem cuidadosamente e realizarem seus movimentos finais cortando a cabeça do monstro.

Porém, se o confronto direto com nossos medos não é uma boa tática, a paralisia e a estagnação tampouco o são. Os mitos nos mostram como enfrentar nossos medos. Devemos ser humildes e aceitarmos auxílio. Talvez sejamos lançados em situações difíceis na vida, como quando nos sentimos sem perspectivas, justamente para olharmos para nós e lançarmos mão de nossos recursos internos, que muitas vezes não enxergamos em nós mesmos.

A imagem refletida no espelho também é uma outra boa e segura tática. A imagem do monstro refletida no espelho opõe-se a uma experiência do olharmos direta e frontalmente para nossos medos. A imagem refletida no espelho é inofensiva e também uma forma de “capturar o monstro”. Um suposto aumentativo da palavra reflexo é: Reflexão. Ou seja, refletir, é como curvarmo-nos sobre nós mesmos. Essa forma de abordagem e aproximação é a lição que nos ensina o mito da Górgona Medusa, derrotada por Perseu. Ele venceu o horrendo monstro, sem olhar para ela, porém polindo seu escudo como um espelho: ao ver-se refletida, a Medusa ficou petrificada de horror e o herói cortou-lhe a cabeça. O escudo é o símbolo da arma passiva, defensiva e protetora. É considerado como uma arma psicológica.

O MITO NA ASTROLOGIA

Algol (estrela fixa), a Cabeça da Medusa, da constelação de Perseu é considerada por todos os astrólogos como extremamente perigosa e cuja posição projetada na eclíptica corresponde a 26° de Touro. De natureza semelhante a Saturno e Júpiter, Algol ocasiona desgraça, violência, decapitação, enforcamento, eletrocução e violência da multidão. Dá ao nativo uma natureza violenta e encarniçada que provoca a sua morte ou a de outros. É a estrela mais maléfica do firmamento. Desde sempre, esta estrela foi considerada como "a mais funesta de todas". Os astrólogos árabes da Antiguidade chamavam-lhe "ras-al-Ghul" (a cabeça do Demônio). Os gregos viam nela a terrível cabeça decapitada da Medusa, capaz de transformar em pedra quem a olhasse. Quando se encontra no Meio do Céu, traz a público os temas da brutalidade, sedição, ação extremista, revolta e violência das multidões. Uma antiga tradição diz que os chefes militares árabes esperavam que Algol estivesse bem visível no céu para avançarem com ações bélicas. Nenhuma batalha importante era iniciada se a luz de Algol estivesse fraca.

Algol é a estrela beta-Per da constelação de Perseu, de cor azul, cuja variação extraordinária de brilho e cor já era conhecida desde a antiguidade. Na verdade, é um sistema binário de eclipse, onde outra estrela cruza a sua frente. Algol brilha em sua intensidade azulada apenas por vinte minutos, cada dois dias, sendo então apagada pela outra, de brilho amarelado, provocando um eclipse que aumenta vinte vezes a radiação de Algol, pela transferência de massa.

É importantíssima no ocultismo, desde a antiga Cabala, à Maçonaria, de antigas Ordens, às Ordens de hoje. Todo ocultista a conhece e a respeita. O nome Algol originou-se do árabe, RAS AL-GHUL, a cabeça do demônio, por isso costumavam usar os sabres para cortar a cabeça do inimigo, ou seja eliminar o mal. Outros povos também tiveram em sua cultura a mesma tradição. A decapitação é associada à mesma idéia, incrustada no inconsciente coletivo, e, simbolicamente representada por essa estrela.

Os antigos hebreus identificavam-na, em referência à Isaías, 34:14, como ROSH HA SATAN ou como LILITH, a legendária primeira mulher de Adão, que, num grito agudo de revolta deixou o paraíso com seu filho e foi viver em mundos inferiores (em se referindo à Babilônia). Os gregos se

referiam e esta estrela como o OLHO DA MEDUSA, que foi violada por Zeus, dentro do templo de Atenas, e amaldiçoada pela Deusa. Os antigos chineses deram o nome de TSEIH SHE, significando "choque em cadeia".

A influência geral desta estrela é de brutalidade e violência, decapitação, enforcamento, fogo (lembrar a Inquisição), raiva, revolta, etc. A nível individual, se refere aos traumas ocultos envolvendo a sexualidade e a rejeição, que a pessoa não consegue elaborar. O mito da rejeição de Adão por Lilith, causando a fúria da mesma e abandono do paraíso ou "estado divino" refere-se a isto. Também a dor, a raiva, os sentimentos de revolta contra o sacrilégio sexual, ou a perda da "sacralidade do templo", também está relacionado a Algol. O tema "injustiça divina" e sua consequente revolta contra Deus são comuns no indivíduo marcado por esta estrela.

No caminho iniciático, o mito desta estrela é simbolizado pela espada que secciona o mal. Algol, representa a iniciação mais difícil: olhar para trás, para o nosso passado, desta e de outras encarnações, sobretudo, para dentro de nós, e enfrentar o mal que nos aprisiona, encontrando nele a redenção. Somente depois desta iniciação o espírito torna-se realmente puro. Esta estrela, provoca aquelas conhecidas mortes violentas, como forma de iniciação final, de liberação do espírito, sendo considerado pelos ocultistas, como a prova final, destino de toda alma para a Regeneração.

Neste momento, o planeta Saturno, o ceifador, o cobrador cármico, está posicionado sobre Algol, Al-ghul, a cabeça do demônio, trazendo à tona forças de violência reprimidas, do interior da própria Terra, e do interior de nós. Atualmente, devido à variação do espectro de Algol, os astrônomos suspeitam da presença de uma terceira estrela nas imediações, passando a compor um sistema trinário de radiação cósmica, o que tem implicações cármicas importantíssimas.

BIBLIOGRAFIA:

- Diversos sites de Mitologia, Psicologia, Astrologia:

www.maxpages.com/elias/Medusa
www.mundodosfilosofos.com.br/perseu.htm
www.csbrj.org.br/culturaclassica/83-10-35.htm
www.artpage.com.br/marise/
www.swbrazil.anglican.org/medo.htm
www.soparahomem.psc.br/comportamento
www.constelar.com.br/revista/edicao31/31PRIN1.HTM
www.orbita.starmedia.com/~caldeirabr/
www.psiu.psc.br/artigos/perseu.asp

FIM